FACULDADE DO BAIXO PARNAÍBA
CURSO DE LETRAS

LUCIMARA DE FARIAS PAIVA
VANESSA SOUSA SANTOS

A LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: um olhar sobre a realidade do ensino de língua materna.

Chapadinha
2014

LUCIMARA DE FARIAS PAIVA
VANESSA SOUSA SANTOS

A LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: um olhar sobre a realidade do ensino de língua materna.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP) para obtenção do grau de licenciadas em Letras.

Orientador(a):Profª Ms. Francisca RosinalvaCardoso Pereira Costa

Chapadinha
2014

Paiva, Lucimara de Farias

A linguística nas aulas de Língua Portuguesa: um olhar sobre o ensino de língua materna/ Lucimara de Farias Paiva; Vanessa Sousa Santos..- Chapadinha, 2014.

47f.

Monografia (Graduação em Letras) – Curso de Letras - Faculdade do Baixo Parnaíba, 2014.

1 Linguística 2. Língua Portuguesa 3. Gramática normativa 4. Língua. I. Santos, Vanessa Sousa II. Paiva, Lucimara de Farias. III. Título.

CDU 81’1

LUCIMARA DE FARIAS PAIVA
VANESSA SOUSA SANTOS

A LINGUÍSTICA NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA: um olhar sobre a realidade do ensino de língua materna.

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Faculdade do Baixo Parnaíba - FAP para obtenção do grau de licenciadas em Letras.

Aprovada em _____/_____/_____

BANCA EXAMINADORA

_____
Professora FranciscaRosinalva Cardoso Pereira Costa(Orientadora)
Mestre em Desenvolvimento Humano: Formação Políticas e Práticas Sociais
Faculdade do Baixo Parnaíba (FAP)

_____
1º Examinador

_____
2º Examinador

Às nossas famílias, amigos e professores.

“A linguística, tal como é hoje compreendida, inclui todos os tipos de exame dos fenômenos da linguagem, inclusive os estudos gramaticais tradicionais e a filologia”.

Bárbara Weedwood

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor dos senhores, pela presença sempre marcante e decisiva em nossa existência como pessoas humanas, que acertam, mas que também erram e precisam de direcionamento, de socorro e amparo nas horas difíceis da vida.

Às nossas famílias, pelo apoio que sempre nos deram, e por nos apoiarem nos momentos de desânimo.

Aos nossos professores, sobretudo aos de linguística, por nos ajudarem a compreender o quão é importante essa ciência da linguagem para o conhecimento e ensino da língua materna.

À nossa orientadora, ProfªRosinalva Cardoso, pelo sábio direcionamento neste trabalho monográfico e pela paciência que teve para conosco.

À Faculdade do Baixo Parnaíba, por ter proporcionado nossa formação em Letras, tornando-nos aptas ao exercício docente.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a realização desta monografia.

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo principal discutir acercada linguística nas aulas de Língua Portuguesa a partir de um olhar crítico sobre a realidade do C.E. Machado de Assis, uma escola pública da rede estadual de ensino do município de Chapadinha.Pretendeu-se ainda identificar as dificuldades apresentadas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e saber o que é mais enfatizado pelo professor nessas aulas, se a gramática normativa ou os estudos linguísticos de modo geral, inclusive, a funcionalidade da língua nos diversos contextos sociais. Para o alcance dos objetivos propostos, realizou-se uma pesquisa com 28 alunos e com o professor do 3º série do Ensino Médio. A pesquisa classifica-se, quanto à forma de abordagem do problema como qualitativa, quanto aos objetivos é exploratória e, quanto aos meios, como pesquisa bibliográfica e pesquisa de campo. Quanto aos instrumentos de coleta de dados, foram utilizados questionários contendo questõesabertas e fechadas que foram aplicados aos alunos e ao professor. Os resultados apontam que a Linguística, no contexto das aulas de Língua Portuguesa, não tem tanto enfoque quanto à Gramática Normativa, pois, observou-se que o professor não aborda questões relacionadasàs variedades linguísticas. Diante do exposto, aponta-se a necessidade de um enfoque maior à linguística, pois a língua não é homogênea e o não conhecimento acerca das variedades linguísticas pode gerar preconceitos.

Palavras-chave: Linguística. Língua Portuguesa. GramáticaNormativa.Língua.

ABSTRACT

The present work had as main objective to discuss concerning the linguistics in the classes of Portuguese Language starting from a critical glance about the reality of C.E. Machado deAssis, a public school of the state net of teaching of the municipal district of Chapadinha. It was still intended to identify the difficulties presented by the students in the classes of Portuguese Language and to know that was more emphasized by the teacher in those classes, if the normative grammar or the linguistic studies in general, besides, the functionality of the language in the several social contexts. For the reach of the proposed objectives, he/she took place a research with 28 students and with the teacher of the 3rd Year of the Medium Teaching. The research is classified, as for the form of approach of the problem as qualitative, as for the objectives it is exploratory and, as for the means, as bibliographical research and field research. As for the instruments of collection of data, questionnaires were used containing open and closed subjects that were applied to the students and the teacher. The results point that the Linguistics, in the context of the classes of Portuguese Language, doesn't have so much focus as for the normative grammar, because, it was observed that the teacher doesn't approach subjects related to the linguistic varieties. Before the exposed, the need is pointed from a larger focus to the linguistics, because the language is not homogeneous and the non knowledge concerning the linguistic varieties can generate prejudices.

Key-Word: Linguistic. Portuguese language. Normativegrammar. Language.

SUMÁRIO

		P
1	**INTRODUÇÂO**	9
2	**UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL**.....	12
3	**ENTENDENDO A LINGUÍSTICA**.....	16
3.1	**A Linguística Descritiva**.....	16
3.2	**A Linguística Teórica**.....	19
3.2.1	Noções básicas de língua.....	19
3.2.2	Uma noção de linguagem.....	20
3.2.3	A importância de Saussure.....	21
3.2.4	A revolução de Chomsky.....	22
4	**A LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA**.....	25
5	**RESULTADOS E DISCUSSÃO**.....	29
5.1	**Caracterização da escola-campo**.....	29
5.2	**Análise do questionário aplicado ao docente**.....	30
5.3	**Análise do questionário aplicado aos alunos**.....	34
6	**CONCLUSÃO**.....	41
	REFERÊNCIAS.....	43
	APÊNDICES.....	45

1 INTRODUÇÃO

A compreensão da linguística é fundamental para o ensino de Língua Portuguesa na escola. Sem seus fundamentos básicos o docente tende a pautar sua prática na mera reprodução da gramática normativa, sem compreender, no entanto, os pressupostos teóricos que estão por tras dessa gramática. Em outras palavras, o docente torna-se um repetidor de regras, mas de forma alheia à própria constituição dessas regras.

Falar assim não significa que a Gramática Normativa não faça parte dos estudos sobre a linguagem. Pelo contrário, o que se chama a atenção neste trabalho é o fato de que a gramática é parte dos estudos linguísticos, mas não deve ser o centro, pois existem vários conteúdos que merecem e precisam ser estudados em sala de aula, tais como as variedades linguísticas, a linguística textual, a análise do discurso, entre outros.

Por essa razão, o presente trabalho foi realizado, tendo como objetivo principal discutir acerca da linguística nas aulas de Língua Portuguesa a partir de um olhar crítico sobre a realidade do C.E. Machado de Assis[1], uma escola pública da rede estadual de ensino do município de Chapadinha, Maranhão. Também foi objetivo desta pesquisa identificar as dificuldades apresentadas pelos alunos nas aulas de Língua Portuguesa e saber o que é mais enfatizado pelo professor nessas aulas, se a Gramática Normativa ou os estudos linguísticos de modo geral, inclusive, a funcionalidade da língua nos diversos contextos sociais.

Pretende-se responder neste trabalho à seguinte questão-problema: Como têm sido abordados os conteúdos de linguística nas aulas de Língua Portuguesa e qual a realidade do estudo dessa ciência da linguagem no ensino da língua materna, no âmbito do ensino médio do C.E. Machado de Assis?

A metodologia adotada para a realização deste trabalho monográfico partiu de uma pesquisa de campo realizada no C. E. Machado de Assis, com uma amostra de 29 (vinte e nove) sujeitos, sendo 01 (um) docente e 28 (vinte e oito) alunos, integrantes do 3º série “A”. Este contingente representa a delimitação do *corpus* da pesquisa.

Optou-se por pesquisar esta série devido ao fato de que os alunos concludentes do Ensino Médio já têm uma jornada mais longa em relação à

[1] A fim de preservar a identidade da escola, utilizou-se um nome fictício.

aprendizagem dos conteúdos de Língua Portuguesa, o que facilita a confirmação ou refutação das hipóteses estabelecidas: há pouco estudo da linguística nas aulas de Língua Portuguesa; os livros didáticos adotados na rede estadual priorizam a Gramática Normativa; a formação acadêmica dos docentes é pouco consistente em relação aos estudos linguísticos, e a resposta à questão problema.

A forma adotada para a coleta de dados foi à aplicação de questionário aplicado ao professor de Língua Portuguesa e aos alunos da 3º série do Ensino Médio. O questionário continha questões abertas e fechadas.

Além da pesquisa de campo, realizou-se também a pesquisa bibliográfica a partir de autores que tratam em seus trabalhos do ensino de Língua Portuguesa e das questões pertinentes ao estudo da linguística. Considera-se, para tanto, como pressuposto básico, a ideia de que "[...] pesquisa, muito mais do que uma palavra, significa uma tomada de atitude diante de um problema que se apresenta no percurso da vida [...]" (MELO, 2009, p. 17).

Para a análise das informações e para a leitura crítica das mesmas, utilizou-se o método dedutivo que, segundo Rampazzo (2005, p. 38), "[...] é a argumentação que torna explícitas verdades particulares contidas em verdades universais". E esclarece-se, para tanto, que neste trabalho não serão utilizados gráficos para a demonstração dos resultados, pois estes serão analisados de forma qualitativa, procedimento metodológico que, segundo Rampazzo (2005, p. 58): "Busca uma compreensão particular daquilo que estuda: o foco da sua atenção é centralizado no específico, no particular, no individual, almejando sempre a compreensão e não a explicação dos fenômenos estudados".

Os principais autores que subsidiaram esta pesquisa foram: Antunes (2003),Bagno (2007; 2009; 2010), Câmara Júnior (1975), Elia (2003), Faraco (2005), Matta (2009), Martin (2003), Mussalim e Bentes (2006; 2007; 2012), Perini (2004), Rampazzo (2005), dentre outros.

O trabalho encontra-se estruturado em capítulos: o primeiro capítulo foi de caráter introdutóriodestacando a relevância do trabalho, a metodologia adotada na pesquisa e enfatizando os teóricos da área.No segundo capítulo, fez-se uma abordagem acercados aspectos históricos da Língua Portuguesa no Brasil. No terceiro capítulo discutiu-se sobre o que vem a ser a linguística, neste mesmo capítulo fez-se uma abordagem sobre a linguística descritiva e teórica; também discutiu-se acerca das noções básicas da língua e da linguagem; a importância de

Saussure e sobre a revolução de Chomsky. No quarto capítulo, fez-se algumas considerações acerca da linguagem e o ensino de Língua Portuguesa. No quinto capítulo constam os resultados e discussão da pesquisa em foco, neste mesmo capítulo considerou-se importante fazer a caracterização da escola-campo. O sexto e último capítulo foi de caráter conclusivo onde foi feito uma síntese dos resultados encontrados e apontando sugestões de como minimizar os problemas.

Este trabalho constitui-se uma importante fonte de saber sobre a linguística e sobre o que se vem fazendo com ela nas salas de aula de Língua Portuguesa, sobretudo no que tange aos equívocos da prática docente nesse sentido, muitas vezes pautada exclusivamente na gramática normativa, como única fonte de conhecimento linguístico que o aluno deve utilizar.

Assim, espera-se contribuir de forma significativa para o desenvolvimento da pesquisa científica sobre língua e linguagem e sobre a prática docente, no que diz respeito ao ensino e a aprendizagem do Português, sabendo-se que quanto mais se escreve sobre essa temática, mais se tem a possibilidade de conhecê-la de maneira mais profunda. Ademais, o conhecimento nunca é estanque, ou seja, sempre está sujeito a novos olhares e à construção e novos saberes a partir dos já existentes. E foi essa a tarefa que se assumiu ao escrever este trabalho monográfico.

2 UM BREVE HISTÓRICO SOBRE A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

A Língua Portuguesa é uma estrutura neolatina que possui um conjunto de símbolos, ideias e articulações comunicativas focadas na oralidade e na escrita. O conhecimento de Língua Portuguesa é uma seara extensa; ensinar a língua materna é sobretudo, aprimorar significados sociais e culturais, a fim de compreender a realidade, pois a língua é uma estrutura sistemática que agrega signos e expressões possibilitando a sociabilidade.

Segundo o dicionário Aurélio (2001), “A língua é a reunião de palavras ou letras de determinado povo, também é a reunião de regras gramaticais”.

Como um núcleo de desenvolvimento da cognição humana, a escola tem participação na construção linguística oral e gráfica de maneira ampla e dinâmica, sem desprezar, todavia a heterogeneidade da língua portuguesa e de suas construções textuais (literárias).

A Língua Portuguesa iniciou-se no Brasil no início na colonização lusa do território brasileiro através da ação pedagógica generalizada de cunho religioso da Companhia de Jesus, que fazia esforços para catequizar e instruir os gentios nos moldes católicos do civismo europeu, além de ensiná-los a gramática portuguesa e latina.

Diante dessa situação histórica, é possível lembrar, por exemplo, do padre jesuíta José de Anchieta que estudou as línguas indígenas da costa brasileira, com ênfase a língua tupi a quem o autor escreveu a Arte da gramática (Português, Espanhol, Latim e Tupi) em 1595, com a finalidade de facilitar a comunicação entre os colonizadores e os indígenas.

Segundo Matos e Silva (2004, p. 77): “Os jesuítas tinham como princípio de catequese usando as línguas da terra em que chegavam”. Portanto, fazia parte do seu programa catequético no Brasil dominar as línguas locais.

“A gramatização da língua mais usada na costa do Brasil pelo Pe. Anchieta cumpriu esse objetivo” (MATTOS e SILVA, 2004, p. 77). Por isso, neste momento didático Anchieta também escreveu poemas e peças teatrais para dinamizar a catequese e a interação dos jesuítas com os povos do Brasil. Assim Elia afirma:

> Em seu afã catequético, sentiram necessidades os jesuítas de um contacto mais direto com os aborígines e resolveram estudar-lhes a língua. Naturalmente selecionaram o tupi, ‘a língua mais usada na costa do Brasil’. Para facilitar-lhes o acesso, procuraram ‘gramaticalizá-la’, ou seja, submetê-la a regras, recorrendo então ao código metalinguístico greco-latino, no que obtiveram inegável êxito (ELIA, 2003, p. 47).

Assim infere-se que a campanha jesuítica afirmou o Português como língua geral da escolaridade, que de certa maneira se adaptou à influência indígena, concretizando o poder de Portugal sobre a colônia.

De 1549 a 1808, o ensino de Língua Portuguesa é marcado pela retórica religiosa dos jesuítas através do estudo dos textos bíblicos e da vida dos santos. Conhecer o português formal era difícil, pois pouquíssimos brasileiros eram instruídos no ensino regular, com exceção das camadas privilegiadas, cujos representantes estudavam na Europa, e que por isso conheciam as obras clássicas, o latim e o português formal. Na terra brasílica, em decorrência da rara ou ausente escolaridade, a maioria das pessoas não sabiam ler ou escrever, a língua era geralmente difundida através da oralidade.

Em 1757, com a expulsão da Companhia de Jesus do Brasil pelo Marquês de Pombal o Português torna-se língua oficial de ensino e produção literária. “No campo das letras, a principal inovação consistiu no ensino da Língua Portuguesa prioritariamente em relação à latina, ao contrário de como vinha procedendo a pedagogia jesuítica” (ELIA, 2003, p. 117).

Cinquenta e um anos depois, em 1808 com a chegada da família real, o ensino da Língua Portuguesa toma um viés menos catequético e mais classicizante, com ênfase a gramática normativa e ao estudo dos textos clássicos. Com acréscimo Elia (2003, p. 144) afirma que: “Uma vez que a responsabilidade pela educação do povo no Brasil passava a dever do Estado, no tocante ao ensino da Língua Portuguesa, foram surgindo compêndios destinados às escolas”.

No decorrer do século XIX e início do século XX, o ensino do Português ainda tomava uma abordagem gramatical e repetitiva, pois é apenas em meados do século XX, que o ensino ganha um tom mais linguístico, focado na dimensão código-linguagem-expressão. É claro, que ainda no século XXI, o ensino de Língua Portuguesa ainda carrega muito da abordagem gramatical, porém com uma didática mais histórica e natural, menos hermética, em relação aos séculos anteriores.

Em suma, ao observar o ensino de Língua Portuguesa no Brasil do século XVI aos dias atuais, nota-se uma evolução positiva e edificante, mas que ainda na contemporaneidade possui caráter ligeiramente conservador, preso à gramatismos filológicos e a orações sem contexto, pobre de estudo e compreensão textual, incapaz ainda de explicar todas as brilhantes e relevantes mudanças da língua, com a co-parceira de seus falantes e escritores. No dizer de Antunes (2003, p. 13),

> Uma gramática da irrelevância, com primazia em questões sem importância para a competência dos falantes. A este propósito, valia a pena perguntar-se qual a competência comunicativa que há em distinguir um adjunto adnominal de um complemento nominal, ou, ainda, em reconhecer as diferentes funções de QUE ou de SE, coisas com as quais muito tempo de aula ainda é desperdiçado.

No que tange ao ensino de Português hoje, essa é uma realidade negativa, em que ainda persiste um sistema "prescritivista", ou seja, em que o ensino resulta em prescrever a maneira "correta" de falar, de escrever, mas sem as competências linguísticas para que os alunos consigam caminhar sozinhos.

Estes alunos que seguem "receitas" tendem a sempre recorrer ao "receituário" para tirar dúvidas de Português-padrão. Essa prática os torna dependentes e não indivíduos proficientes no uso da língua, o que gera o velho mito de "português é uma língua muito difícil" (BAGNO, 2009).

Quanto a essa prática recorrente nas aulas de Português, Travaglia (2009 – grifos do autor), ao discorrer sobre os tipos de ensino de língua, assim a descreve:

> O ensino **prescritivo** objetiva levar o aluno a substituir seus próprios padrões de atividade linguística considerados errados/inaceitáveis por outros considerados corretos/aceitáveis. É, portanto, um ensino que interfere com as habilidades linguísticas existentes. É ao mesmo tempo proscritivo, pois a cada "faça isto" corresponde um "não faça aquilo". Esse tipo de ensino está diretamente ligado à primeira concepção de linguagem e à gramática normativa e só privilegia, em sala de aula, o trabalho com a variedade escrita culta, tendo como um dos seus objetivos básicos a correção formal da linguagem (TRAVAGLIA, 2009, p. 38).

As palavras do autor são categóricas e também bastante claras no que diz respeito à análise do ensino prescritivo da língua. Ele reforça a ideia de que, ao priorizar-se no ensino de Português a gramática normativa, colocando a norma-padrão não como uma variedade, mas como o jeito certo, único, e definitivo de se usar a língua, desconsidera todo o repertório linguístico que o aluno já traz consigo para a sala de aula.

Quando isso acontece, ignoram-se as outras variedades linguísticas existentes em detrimento de uma, o que, de certa forma, empobrece o ensino da língua, que passa a se tornar unilateral: normativo por normativo.

3 ENTENDENDO A LINGUÍSTICA

A Linguística é o estudo científico das línguas e linguagens humanas, com foco nas relações entre essas línguas e as sociedades. Assim, na prática, a linguística tem sua fonte de pesquisa nos fenômenos diacrônicos, ou seja, a partir de uma evolução histórica das línguas, e nos sincrônicos, que explicam as funções de determinada língua em um determinado momento da história.Com isso, a Linguística se torna uma ciência com parâmetros reais e estruturas próprias e pragmáticas, como a fala e escrita, pela observância das interações sociais, uma vez que toda atividade linguística implica em comunicação e pensamento, o que é próprio da linguagem, elemento instrumental da cognição linguística para a sociabilidade humana.

Nesse contexto, percebe-se que compreender uma língua materna, como a Língua Portuguesa, por exemplo, exige um profundo conhecimento da Linguística, que é, por excelência, a ciência da linguagem. Esta se divide em vários ramos, tais como Linguística Descritiva, Linguística Teórica, Linguística Geral, a Filologia da linguagem, Linguística Histórica e Linguística Aplicada. Logo, é conhecendo cada uma dessas especificidades que se pode ter uma noção de sua abrangência no estudo da linguagem humana. Entretanto, neste trabalho serão abordadas apenas as duas primeiras.

3.1 A Linguística Descritiva

Fala-se em Linguística Descritiva levando-se em conta que o trabalho do linguista começa com a observação e a descrição. Assim, tendo em vista que seu objeto existe antes de sua investigação, faz-se necessário um tratamento e de base experimental, empírica (MARTIN, 2003).

Nesse sentido, algumas questões se impõem: Que tipos de objetos serão coletados? De que forma descrevê-los? Que estruturas serão usadas no processo de descrição? A respeito da primeira questão, Martin (2003) afirma que está precisa ser compreendida a partir de dois aspectos: conhecer o que é um fato linguístico e definir que materiais serão utilizados para conhecê-lo. E acrescenta:

> É preciso, sobretudo tomara consciência de que o fato linguístico nunca escapa decisões mais ou menos convencionais. Os objetos linguísticos têm contornos incertos: feixes de critérios, desigualmente satisfeitos, os colocam em subconjuntos fluidos. Cabe ao linguista dizer onde, para autorizar a descrição, ele fixa convencionalmente os limites. Não existe, em linguística, objeto bruto: basta o analista chegar mais perto para o objeto bruto se evaporar. Essencial é que decisões motivadas sejam claramente explicadas. A todo momento, o linguista deve estar consciente do que faz. A finalidade e modesta, mas é a única razoável (MARTIN, 2003, p. 20)

Não obstante, vale observar que, quanto aos materiais, a escolha do *corpus*, ou seja, dos dados a serem coletados nunca é indiferente, pois depende do fato a ser estudado. Nesse sentido, Martin (2003) esclarece que, por exemplo, se o que se procura descrever, o resultado não será igual se o *corpus* for uma compilação de textos de alguma área técnica.

Essa explicação do autor é fundamental para que, ao proceder-se a descrição de um fenômeno linguístico, não se incorra em erros grotescos, os quais terminam culminando em preconceito linguístico, como tem sido o caso de muitos aspectos da gramática normativa (BAGNO, 2007).

Ao proceder-se a descrição de um fenômeno linguístico, segundo Martin (2003) é preciso levar em conta os procedimentos a serem adotados, tais como os procedimentos comutativos e de pertinência, que dizem respeito à comutação no uso da língua, ou seja, de usos que podem ser substituíveis em um determinado ambiente, como em *Minha casa*, *tua casa*, *suacasa*, *nossa casa*, entre outros. Além desses, há os procedimentos combinatórios, que dizem respeito ao eixo sintagmático, pelo qual se pode reconhecer certa combinação como lícita ou ilícita, como em *Eu me tinha esquecido* (lícita) e **Eu tinha esquecido-me* (ilícita)[2].

Martin (2003) ainda fala sobre mais três procedimentos, entre os quais os *transformacionais*, que tratam de transformações do tipo *Ele vai falar* e *Ele não vai falar*, em que o acréscimo de elemento no paradigmático – o não, na segunda sentença – muda completamente o sentido em relação à primeira; os procedimentos semânticos, determinantes da inferência:

[2] O asterisco (*) antes de uma combinação significa que, linguisticamente, esta não é aceitável.

> Na ordem do sentido, o procedimento determinante para a descrição é o da inferência. Uma proposição *p*infere (implica) uma proposição *q* se e somente se, *p* sendo verdadeira, *q* é necessariamente verdadeira. Se *Ela colheu rosas* é verdadeira, então *Ela colheu flores* é verdadeira. É impossível colher rosas sem colher flores (a recíproca, evidentemente, não se verifica de forma alguma).A inferência e sua contraposta (se *Ela não colheu flores* então *Ela não colheu rosas*) permitem capturar – e, consequentemente, descrever – um grande número de fenômenos. Por exemplo, a relação *hiperonímica*: *flor* é o hiperônimo de *rosa* (o "gênero próximo"; a rosa é uma flor; a classe das rosas está incluída na classe das flores) (MARTIN, 2003, p. 39).

A esse respeito, observa-se que o aspecto semântico, no estudo de uma língua, constitui-se como um dos mais importantes. Quando se fala ou se escreve, na verdade, constroem-se sentidos. A esse respeito, a competência comunicativa, por parte do enunciador e do enunciatário, vai depender do quanto, ambos, compreendem da semântica.

Podem-se usar os procedimentos semânticos para diversos fins comunicativos, como nos textos humorísticos, na publicidade, em textos poéticos, entre outros.

A esse respeito, tome-se como exemplo um trecho de letra de música de Chico Buarque (NICOLA, 1998) – *Pai afasta de mim este cale-se* – em que o uso do verbo pronominal "cale-se" remete-se à censura da ditadura militar do Brasil da década de 1964 ao mesmo tempo que, pela pronúncia, evoca a frase histórica de Jesus: *"Pai afasta de mim este cálice"*.

No que diz respeito aos processos quantitativos, esses estão relacionados à frequência de determinados fenômenos linguísticos, como afirma Martin (2003, p. 42), "os fenômenos linguísticos podem ser descritos também pela frequência e por relações quantificáveis. Assim, em todas as línguas, os morfemas mais frequentes são também os mais complexos em seu emprego".

Nesse sentido, descrever um fenômeno linguístico com um olhar quantitativo significa observar os pormenores e a quantidade de vezes que certos morfemas ocorrem, o que por si só, já demanda muito esforço, uma vez que a observância da frequência de tais elementos mórficos requer que se preveja o repertório lexical que o falante de determinada língua utiliza para comunicar-se.

3.2 A Linguística Teórica

O objetivo da linguística teórica é, de maneira geral, explicar a natureza dos fatos da língua e não somente descrevê-los (FARACO, 2005). Sendo, está vai ocupar-se com pontos fundamentais que contribuem para a compreensão da atividade linguística como um todo.

Explicar é da natureza de toda ciência, o que não seria diferente com a ciência da linguagem. Logo, compreender os fundamentos da linguística é fundamental, uma vez que é a partir daí que se pode compreender a própria língua. E é da atualização desses estudos que depende a construção de um conhecimento profícuo, capaz de abarcar as peculiaridades da língua e as transformações por que vem passando ao longo dos tempos, sem incorrer-se em erros e/ou preconceitos linguísticos nas análises dos fenômenos linguísticos que se manifestam no uso real do idioma, no caso em questão, o Português na sua vertente brasileira.

3.2.1 Noções básicas de língua

Faz parte do campo da Linguística Teórica apresentar uma noção do que vem a ser língua. Esse é seu ponto de partida, e todos os estudos posteriores vão depender desse primeiro passo.

Nessa perspectiva, uma das analogias elementares é a distinção entre língua e fala, corroborando as dicotomias saussurianas. Enquanto a primeira constitui-se um produto social, a segunda é individual, ou seja, particular de cada falante. Nas palavras de Saussure (2006, p. 17): “A língua [...] é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação”.

Sendo a língua um produto social, está sujeita aos diversos contextos de uso, o que implica os aspectos geográficos, socioeconômicos, culturais, as questões etárias, os aspectos diacrônicos, entre outros que confirmam que a língua possui múltiplas faces.

No que diz respeito à fala, mesmo que esta seja muito importante para a constituição da própria língua, é individual e de natureza secundária (SAUSSURE, 2006). No entanto, não se deve opor língua e fala como se fossem antagônicas

entre si, o que se acentua é somente o fato de não haver língua individual, mas fala individual. A título de exemplo, por mais que haja diversos sotaques, diversas maneiras de se falar o Português no país, o idioma é um só.

3.2.2 Uma noção de linguagem

Sem a linguagem não há comunicação, não há língua. Ela é um componente importantíssimo para a interação do ser humano com o mundo. E a relação deste componente com a língua é tão intrínseca e tão importante que muitos linguistas preferem uma fusão vocabular: *lingua(gem)*(PERINI, 2004).No inglês, a saber, o mesmo termo que se usa para língua serve para designar linguagem: *language*(BAGNO, 2009). A esse respeito, Martin (2003, p. 55-56) afirma:

> A linguagem é o conjunto das condições que tornam possível a construção da língua. Tais condições têm toda chance de ser as mesmas, qualquer que seja a língua. A linguagem é uma função humana, uma função ligada à espécie. Se uma língua é adquirida é por causa, ao menos em parte, do inatismo da linguagem: toda criança, salvo deficiência mental, é capaz de adquirir uma (ou várias) língua(s) – e não importa que língua.

Como se pode perceber, o processo de aquisição de uma língua, seja ela qual for, está relacionado à linguagem. Por essa razão, é importante conhecê-la em suas múltiplas funções e dimensões. Tão grande é a sua importância, que Dias (2008) chega a chamar a capacidade da linguagem de “um milagre”, cuja faculdade principal é a de distinguir o homem do restante dos animais. O mesmo autor chama a atenção para a dimensão verbal, “instrumento do pensamento para a interação” (DIAS, 2008, p. 20).

Nesse contexto, vale ressaltar o importante trabalho de *Roman Jakobson*, pensador russo que se tornou um dos maiores linguistas do século XX, voltando-se à análise da linguagem, poesia e arte. É dele a teoria sobre as funções da linguagem (INFANTE, 1999).

Para Emediato (2008), dependendo do contexto em que se dá a comunicação, com seus elementos –*emissor* ou *remetente*, *mensagem*, *código*, *canal*, *receptor* ou *destinatário* e*referente*–tais funções são: a*referencial*, predominante em textos cuja pretensão seja a de informar: textos jornalísticos, textos médicos, textos enciclopédicos, científicos, entre outros, por isso é centrada no referente; a *função conativa*, por outro lado, está ligada ao receptor da

mensagem e tem um caráter apelativo, sendo muito utilizada nos textos publicitários e em qualquer situação comunicativa que tenha o objetivo de convencer, de persuadir.

Emediato (2008) ainda fala sobrea *função fática*, que se manifesta em toda situação de interação comunicativa entre emissor e receptor, constituindo-se como um teste do canal, e sobre a *função metalinguística*, que acontece sempre que a linguagem reporta-se à própria linguagem, ou seja, quando se faz uso do código para fazer explicação ou mesmo para definir elementos do próprio código, o que é comum quando se vai conceituar algum termo. Um exemplo de metalinguagem pode ser a definição de dicionário no próprio dicionário.

Por fim, o mesmo autor, fala sobre a*função poética*, presente não só na poesia, mas em todo texto em que há um trabalho especial com as palavras, com usos de recursos estilísticos, como as figuras de linguagem, além da *função expressiva* ou *emotiva*, predominante em textos que contém um "eu lírico" manifestando suas emoções: poesias, letras de músicas, discursos emotivos, entre outros (EMEDIATO, 2008).

Todas essas especificidades acerca da linguagem são relevantes na medida em que ela está na base de todo e qualquer processo comunicativo. E como o ser humano não sobrevive sem comunicar-se, o estudo da linguagem torna-se uma necessidade dentro do meio acadêmico.

3.2.3 A importância de Saussure

Quando se fala nos estudos sobre a língua(gem), um dos primeiros estudiosos, senão o primeiro, a ser lembrado é *Ferdinand de Saussure*, linguista suíço considerado o pai da linguística. Este consolidou sua formação acadêmica em um período muito exitoso para a ciência, o final do século XIX, época em que, segundo Dias (2008, p. 33), "os estudos linguísticos eram dominados pelo comparativismo indo-europeu, que trouxe cientificidade, já existente em outras áreas, também para a linguística".

Todavia, mesmo não negando o mérito do comparativismo, Saussure o critica por este não precisar o seu objeto de estudo. A este estudioso é creditadaa autoria da obra *Curso de Linguística Geral*, embora tenha sido publicada*post mortem* por seus alunos.

Entre as principais contribuições de Saussure, pode-se dizer que a criação de uma terminologia que viesse a explicar, racionalmente, os fenômenos linguísticos, e, para tanto, criou suas famosas dicotomias(DIAS, 2008).

As principais dicotomias de Saussure são, segundo o próprio (SUSSURE, 2006): *língua/fala*, em que afirma ser a primeira de caráter social e a segunda individual; *sincronia/diacronia*, uma se ocupando dos fenômenos linguísticos de determinado ponto no tempo; a outra, sendo um método tradicional do comparativismo, ocupando-se com os fatos históricos, ou seja, com a evolução das línguas; *significado/significante*, referindo-se à união do sentido e da imagem acústica e uma imagem sonora da palavra que está no cérebro do falante.

Com isso, Saussure traz uma concepção ao signo linguístico que ultrapassa a visão reducionista de que a língua é apenas uma lista de termos para dar nome às coisas no mundo (DIAS, 2008).

Nesse contexto, pode-se perceber que os estudos linguísticos são complexos, não podendo ser encarados de maneira simplista, mas com certa acuidade. Um aprofundamento nos estudos linguísticos, a partir dos postulados dos diversos estudiosos da área faz com que se tenham uma visão mais completa da língua e de seus diversos usos sociais.

3.2.4 A revolução de Chomsky

Avram Noam Chomsky, linguista norte-americano, é considerado um dos maiores pensadores da contemporaneidade. “Desde a década de 1950, Chomsky tem surpreendido o mundo da ciência e da política por suas teorias cognitivas em relação à linguagem e por seu ativismo político” (DIAS, 2008, p. 42). E Weedwood (2002, p. 135-136) ratifica, ao afirmar:

> Não só por suas ideias acerca da linguagem, mas igualmente por sua atuação política de crítico radical do imperialismo norte-americano, Chomsky é um dos pensadores mais importantes da história contemporânea. Estatísticas mundiais revelam que ele se encontra entre os dez autores mais citados em todas as ciências humanas (à frente de Hegel e Cícero e depois de Marx, Lenin, Shakespeare, a Bíblia, Aristóteles, Platão e Freud, nesta ordem).

Ao contrário de Saussure, que nada deixou escrito a respeito de sua teoria, pois o que se sabe sobre suas ideias estão somente no livro publicado por seus alunos (*post-mortem*), o Curso de Linguística Geral, Chomsky possui quase

cinquenta livros publicados, sem contar as centenas de artigos. “Chomsky apareceu – como um divisor de Águas na linguística do século XX – num momento em que a visão behaviorista do estruturalismo bloomfieldiano dominava os estudos da língua” (DIAS, 2008, p. 42).

Não obstante suas várias contribuições para a ciência, como um todo, o que interessa para este trabalho é somente seu postulado sobre a linguagem. Nesse sentido, uma das primeiras contribuições de Chomsky nasceu de sua inquietação ao observar que era necessário levar em conta algo anterior à língua apresentada pelos defensores do estruturalismo, ou seja, a instituição social de determinada comunidade, cabendo a esta o conhecimento e o compartilhamento a respeito das sentenças possíveis ou não em uma língua (DIAS, 2008).

O esquema teórico de Chomsky pode ser mais bem compreendido a partir do seguinte quadro:

Quadro 1: Esquema gerativista de Chomsky



Fonte: < http://letrasoqueetexto.blogspot.com.br/2013_10_01_archive.html>

Ressalta-se, portanto, que, assim como Saussure apresentou suas dicotomias, Chomsky também apresenta, em relação à linguagem, traços distintivos entre *competência* (referente ao conhecimento inato que o sujeito tem de sua língua) e *desempenho* (referente da língua pelo falante), sendo a competência subdividida em *sintaxe*, *semântica* e *fonologia*; e a sintaxe, em *universal* e *particular*; o universal, em *princípios* e *procedimentos* (DIAS, 2008).

O esquema gerativista apresentado por Chomsky sofreu críticas dos funcionalistas, que o consideravam demasiadamente formalista. Para tanto apresentaram um contraponto com outras tendências advindas da sociolinguística,

da linguística textual e da análise do discurso, ressaltando-se que o funcionalismo é anterior ao próprio Chomsky, remetendo-se ao Círculo Linguístico de Praga (WEEDWOOD, 2002).

Não obstante a essas posições reacionárias a Chomsky, é inegável a sua contribuição para a compreensão da linguagem, o que tema crucial para o todo professor que trabalha com o ensino de língua.

Para melhor compreender os traços distintivos, Silva[i](2014, s.p.) assim afirma:

> Embora os conceitos de desempenho e competência de Chomsky se assemelhem aos conceitos de língua e fala de Saussure, há uma distinção fundamental entre eles. Chomsky, ao contrário de Saussure, não analisa a linguagem como fruto de um meio coletivo. Partindo da análise da "criatividade", ele observa a maneira como um indivíduo é capaz de reproduzir frases. Se comparássemos a língua de Saussure com a competência de Chomsky, a diferença fundamental é que a língua trata de um sistema interiorizado, e a competência, embora, também trate de um sistema interiorizado, preocupa-se principalmente com as regras para gerar os enunciados da língua, e não dos signos internalizados. Enquanto que, ao comparar-se fala e desempenho, chega-se à conclusão de que a fala é um ato individual e está sujeito a fatores externos, muitos desses não linguísticos e, portanto, não passiveis de analise, e o desempenho é o uso que a fonte faz do conhecimento que o falante tem da gramatica de sua língua.

Não obstante à explicação acima, o ideal é não procurar opor Saussure e Chomsky como se os dois sejam rivais no campo da linguística, porque, de fato, isso não procede, e cada um, ao seu modo e ao seu tempo teve uma contribuição significativa para o estudo nessa área.

Sendo assim, o melhor que se pode fazer, em se tratando da compreensão da língua e da linguagem, é promover um estudo comparativo dos dois estudiosos, priorizando os que eles têm de melhor a oferecer, o que se buscou fazer neste trabalho.

4 A LINGUÍSTICA E O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Uma aula de Língua Portuguesa é aquela em que se apresentam pedagogicamente as estruturas funcionais e linguísticas da língua materna. Nesse sentido, essas aulas têm como objetivo a informação e a formação dos alunos acerca da linguagem, da grafia e da oralidade. Segundo Antunes (2003, p.19):

> Um exame mais cuidadoso de como o estudo da língua portuguesa acontece, desde o Ensino Fundamental, revela a persistência de uma prática pedagógica que, em muitos aspectos, ainda mantém a perspectiva reducionista do estudo da palavra e frase descontextualizada. Nesses limites, ficam reduzidos, naturalmente, os objetivos que uma compreensão mais relevante da linguagem poderia suscitar – linguagem que só funciona para que as pessoas possam interagir socialmente.

Por isso, entende-se o ensino da Língua Portuguesa como um instrumento da comunicação humana no meio social. Nesse sentido, a linguística tem um papel fundamental, principalmente por considerar a língua no amplo aspecto e nas minúcias, sempre considerando os usos reais.

Enquanto as gramáticas normativas costumam propor uma língua, apresentando normas e maneiras de como se deve usar o idioma – algo idealizado, portanto –, a linguística trata e investiga a língua como ela é, aceitando, inclusive, as transformações inevitáveis que sofre com o passar do tempo e as variedades com as quais costuma se apresentar: por questões socioeconômicas, regionais, etárias, entre outras. Para entendê-la de forma conceitual, pode-se observar o que Saussure (2006: p, 13) afirma categoricamente:

> A matéria da Linguística é constituída inicialmente por todas as manifestações da linguagem, quer se trate de povos selvagens ou de nações civilizadas, de épocas arcaicas, clássicas ou de decadência, considerando-se em cada período não só a linguagem correta e a 'bela linguagem', mas todas as formas de expressão.

A Linguística, portanto, constitui-se uma ciência com parâmetros baseados na realidade concreta das estruturas da fala e da escrita, considerando que toda atividade linguística implica em comunicação e pensamento.

Depois desta concepção saussuriana, é conveniente fazer-se uma analogia entre a linguística e a gramatica normativa da Língua Portuguesa, no que diz respeito à forma de compreender e estudar a linguagem em função da comunicação humana. A esse respeito, Labov reitera a contribuição do mestre Saussure:

> [...] a Escola de Genebra saussuriana é frequentemente mencionada como a escola “social” da linguística. Saussure concebia a linguística como uma parte de “une sciencequiétudielaviedessignesausein de laviesociale” [“uma ciência que estuda a vida dos signos no seio da vida social”] (LABOV, 2008, p. 217).

Neste ponto, é possível dizer que, além da função socializante, com a comunicação oral, linguística também possui uma função gramatical, em que são analisados, na língua em uso corrente, aspectos da fonologia, da morfologia, da sintaxe e da semântica, componentes que existem na gramática normativa, mas com um enfoque voltado exclusivamente ao “padrão”, que desconsiderando a variedade e a dinamicidade dos fenômenos linguísticos presentes no idioma Português.

A esse respeito, observando a aplicação contemporânea do ensino da gramática de Língua Portuguesa Antunes (2003) aponta a irrealidade, as excentricidades, o descritivismo presunçoso, a incompetência comunicativa e a desonesta dicotomia de “certo” e “errado”, acentuando a inflexibilidade, a petrificação da gramática, que vê a língua como algo obsoleto, parado no tempo, que nunca muda. Assim, Antunes (2003) afirma que:

> [...] se os falantes se subordinam à gramática da língua, para se fazerem entender socialmente, não deixam, contudo, de comandá-la, já que são eles que decidem o que fica e o que entra de novo e de diferente. Como muito bem lembra Millôr Fernandes, ‘Nenhuma língua morreu por falta de gramáticos. Algumas estagnaram por ausência de escritores. Nenhuma sobreviveu sem povo’ (ANTUNES, 1994, 344).

Portanto, se for considerado o uso social da Língua Portuguesa, há de se considerar também suas variantes linguísticas: as gírias, os jargões do meio, os quais foram criados para ser falados e entendidos por certos indivíduos de uma comunidade. É o que afirma Bagno (2007, p. 36):

> Ao contrário da norma-padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto *homogêneo*, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a *língua*, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, *múltipla*, *variável*, *instável está sempre em desconstrução e em reconstrução*.

Logo, pela afirmação do autor e considerando-se a natureza flexível e a adaptabilidade da Língua Portuguesa, as variações linguísticas funcionam como mecanismos próprios da comunicação humana que também devem ser consideradas no estudo de língua realizado no espaço escolar. Mesmo porque, conforme Elia (2003, p. 137),

> a questão da língua portuguesa do Brasil, também chamada questão da língua brasileira, surgiu no século XIX. Para isso concorreram dois fatores: a) a Independência, que, liberando o país da submissão oficial ao cânone português permitiu que os brasileiros passassem a cuidar por si mesmos dos problemas relativos à língua herdada; b) o movimento romântico, que buscava na alma do povo as bases da cultura nacional.

Diante disso, pode-se compreender o quanto o Português é instigante e está presente tanto na comunicação do dia-a-dia, quanto na produção de textos, dos mais variados gêneros e modalidades e na competência linguística, dando-se destaque especial à interação e a integração das aulas de Língua Portuguesa com os fundamentos atuais da linguagem.

Nesse aspecto, percebe-se um rela confronto teórico entre os pressupostos da Linguística como ciência da linguagem e os da normatividade gramatical. Isso porque:

> Além de tentar "unificar" a língua, as nossas gramáticas normativas homogeneízam a norma culta, higienizando-a, produzindo e difundindo uma imagem do que ela seria tendo por base o modelo dos considerados bons escritores do passado, pois bem, convém recuperar um pouco daquilo que os linguistas escreveram sobre normas linguistas (MUSSALIM e BENTES, 2012, p. 275 grifo do autor).

Percebe-se no pensamento das autoras uma crítica direta à forma como têm sido ministradas as aulas de Língua Portuguesa e ao ensino de gramática nas escolas, que tem ocorrido de maneira descontextualizada, fora da realidade comunicacional, prejudicando os alunos e impedindo-os de ter uma compreensão mais abrangente da linguagem no âmbito da língua materna.

Empreender um estudo de língua apenas pelo viés da Gramática Normativa é simplifica-lo demais, o que pode prejudicar o aspecto cognitivo do professor quanto dos alunos, uma vez que a Língua Portuguesa não se resume à norma-padrão, mas, pelo contrário, abrange todos os fenômenos linguísticos e os aspectos e funcionais da língua. Nesse sentido, para Bagno (2009, pp. 22-23),

> No processo de constituição, de cristalização da norma padrão como o que dever ser "a" língua, ela é analisada pelos gramáticos, que escrevem livros para descrever as regras de funcionamento dela, livros que servem ao mesmo tempo para prescrever essas regras, isto é, impor essas regras como as únicas aceitáveis para uso "correto" da língua [...]. Todo esse trabalho de padronização, de criação e cultivo de um modelo de língua, é que compõe o tal investimento de que eu falei [...]. Por isso a norma padrão dá a impressão de ser mais rica, mais complexa, mais versátil que todas as demais variedades da língua faladas pelas pessoas do país. Na verdade, ela nada tem de melhor que essas variedades, ela só tem mais que as outras.

Pela explanação de Bagno, percebe-se que as gramáticas da Língua Portuguesa, em sua maioria, detêm-se no tradicionalismo e na imobilidade, desconsiderando a variedade tão presente nos “falares” dos brasileiros.

Portanto, afirmar que a norma padrão é a Língua Portuguesa é uma falácia, uma vez que a língua não se resume à construção de dicionários ou manuais de como se deve usar o idioma, mas, pelo contrário, está inteiramente ligada à comunicação e aos elementos da linguagem, amplos demais para tal artificialidade (BAGNO, 2009).

Em suma, é possível e é preciso criar-se um ambiente de estudo da Língua Portuguesa que considere os aspectos linguísticos, em uma análise abrangente da língua, tendo em vista a inevitabilidade das transformações que esta sofre e por inúmeros fatores.

Todas as ciências evoluem no sentido de acompanharem a evolução por que passa o mundo. Se não fosse assim, ainda hoje se consideraria a teoria geocêntrica de Ptolomeu, a de que “a terra é o centro do universo”. Então, se as ciências da natureza e humanas são capazes de mudar seus postulados mediantes descobertas que os refutam, a ciência da linguagem, ou melhor, o estudo da língua deve estar também disposto a se renovar.

5RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1Caracterização da escola-campo

O Centro de Ensino Machado de Assis[3]é instituição de ensino que pertence à rede estadual de ensino. Esta oferece a modalidade de Ensino Médio de 1ª a 3ª séries, nos três turnos. A maioria de seus alunos são oriundos das escolas municipais, vindos de diferentes bairros e da zona rural do município de Chapadinha.

Esta escola surgiu como fruto de um processo de expansão de Ensino Médio (na época, o Segundo Grau) por todo o Brasil, promovido pelos governos militares. Sua fundação data do dia 01 (um) de março de 1978, com a finalidade de contemplar os cursos técnicos em Agropecuária, Crédito e Finanças e Administração. Existindo, na época, um laboratório de Química e cursos práticos de Datilografia (Mecanografia). Esses cursos funcionavam somente no turno matutino.

A partir de 1983, os cursos técnicos foram substituídos pelo curso de Formação Geral, no turno matutino (ou Científico). Em 1987, no turno vespertino, é implantado o curso Magistério, reconhecido pela resolução nº 64/87 de 17/03/1989, sendo ofertado até o ano de 1997; em 1984, inicia-se o curso de Contabilidade, no turno noturno; em 1998, a escola funciona somente com curso de Educação Geral, e no ano de 2000, aconteceu a implantação das Telessalas.

O prédio caracteriza-se por apresentar uma estrutura excelente em termos de salas de aula, espaço ambiental. Não obstante, em 2002, a escola foi reformada e a inauguração ocorreu em 2003.

Ao longo de sua existência, o C.E Machado de Assis contribuiu para a formação de profissionais,que desempenham suas funções na comunidade em que vivem, inclusive, com muitos professores que, um dia, foram alunos dessa escola e atualmente são educadores da instituição.

Quanto aos aspectos estruturais, a escola sofreu várias modificações ao longo dos anos e hoje conta com os seguintes setores: 13 (treze) salas de aula, 01(uma) sala de professores, 01(uma) cantina, 01(uma) despensa de alimentos, 01(um) depósito para material de expediente e de limpeza, 01(um) almoxarifado,

[3] As informações sobre o C.E. Machado de Assis foram obtidas por meio do Projeto Político-Pedagógico desta instituição de ensino.

06(seis) banheiros, 02 (dois) vestiários, 01(uma) secretaria, 01(uma) área de recreação coberta, 01(uma) área de circulação, 01(um) auditório, 01(um) laboratório de informática, 01(um) laboratório de ciências, 01(uma) sala da direção, 01(uma) biblioteca, 01(uma) sala de inspeção, 01(uma) sala de coordenação pedagógica e 01(uma) quadra descoberta.

No que diz respeito aos funcionários, a escola conta com sessenta e seteefetivos assim distribuídos: 01(um) Diretor Geral, 02(dois) Diretores Adjuntos, 01(uma) Secretária Geral, 04(quatro) Auxiliares de Secretaria, 02(dois) funcionário na Inspeção Escolar, 02(dois) Auxiliares de Biblioteca, 02 (dois) Agentes Administrativos, 02 (dois) Vigias, 02 (dois) Auxiliares de Serviços Gerais e 47 (quarenta e sete) professores, todos graduados, entre os efetivos e contratados.

Atualmente[4], o C.E. Machado de Assis não é assistido por um Supervisor Escolar exclusivo, pois o atendimento da Supervisão na Unidade Regional de Educação de Chapadinha tem sido feita por Polo (quatro, no total), sendo Chapadinha, Mata Roma e Anapurus o Polo 1. Essa metodologia de atendimento foi adotada em vista da grande demanda de escolase do número reduzido de supervisores para atendê-las *in lócus.* São 25 (vinte e cinco) escolas, ao todo, excetuando-se os anexos.

5.2 Análise do questionário aplicado ao docente

As perguntas iniciais, primeira e segunda, pretenderam identificar o professor quanto à sua formação e grau de instrução. Quanto a essas questões o professor afirmou que era formado em Letras pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e trabalhava no exercício da docência há 13 (treze) anos.

Considerou-se importante saber a formação do professor porque se sabe que a formação é fator relevante no processo de ensino-aprendizagem.

A terceira questão inquiriu o docente se este realizou estudos em torno da linguística em sua formação acadêmica, ao que respondeu “em parte” e não esclareceu nada mais a este respeito o que torna difícil fazer qualquer análise a esse respeito.

[4] Informação concedida pelo setor de Supervisão da URE de Chapadinha, devido à percepção da ausência de Supervisor Escolar na lista de funcionários.

A questãoquatro foi como classificaria os estudos linguísticos realizados no período de sua formação, obtendo-se a resposta “regular”.

Essas duas respostas mostram como o docente avalia a formação que recebeu acerca da linguística, onde se pode depreender quese trata de uma formação mediana, não aprofundada acerca desses estudos.

Sobre essa situação, Bagno (2010, p. 21), comenta os resultados do Indicador Nacional de Alfabetismo Funcional (INAF), na edição de 2005, e faz um paralelo à qualidade da formação nos cursos de Letras, aponta como resultado o fato de “que grande parte dos futuros professores de português saem diplomados sem saber linguística, sem conhecer a tradição gramatical, sem saber crítica literária e sem conseguir escrever adequadamente um texto de qualquer gênero mais monitorado”.

Quando se questionou sobre se considerava o conhecimento linguístico importante para o processo ensino-aprendizagem em Língua Portuguesa, o docente fez o seguinte comentário: “*Sim, porque a língua portuguesa ensina muitas palavras que a gente não sabe e ensina muitas pessoas a poder falar”*.

Nesse sentido, pode-se presumir que há uma carência na formação linguística do docente e isso pode refletir negativamente no ensino de Língua Portuguesa, também carente, superficial no que diz respeito ao conhecimento científico da língua e da linguagem.

Isso não significa que os professores, de modo geral, não reconheçam a importância da linguística, pelo contrário, muitos não têm é oportunidade de, durante a sua formação acadêmica ou posteriormente, estudá-la com mais propriedade (GUEDES, 2006).

Na sexta questão, solicitou-se que o docente apontasse qual item é mais privilegiado no livro didático de Língua Portuguesa por ele utilizado, ao que indicou o “conhecimento da Gramática Normativa”. Essa resposta confirma a reflexão de Guedes (2006) sobre a prática docente nessa disciplina:

> Na verdade, há muito tempo a função do professor de português não é mais a de guardião daquela língua que ele não fala – nunca falou – na qual raramente se atreve a escrever: seu trabalho tem-se limitado ao ensino cada vez mais diluído da metalinguagem da gramática tradicional (GUEDES, 2006, p. 13).

Observando-se a resposta do docente e a afirmação do autor, encontra-se um ponto de congruência, pois não obstante o fato de os professores de Língua

Portuguesa, de modo geral, não terem recebido uma adequada formação linguística, ainda utilizam livros didáticos que unilateralizam o ensino, privilegiando a norma em detrimento de outros saberes importantíssimos no conhecimento da língua, como as variedades linguísticas, por exemplo.

Perguntou-se também sobre o planejamento das aulas, se o docente insere os conteúdos pertinentes à Gramática Normativa apenas ou também os conhecimentos linguísticos. A resposta do professor foi:*"Sim, porque ensina todos os tipos de línguas e existe todos os tipos".*O docente não foi preciso na resposta, pois o "sim" não especifica se ele estava referindo-se à Gramática Normativa ou à linguística. Assim, persiste a dúvida sobre se ele reconhece o papel preponderante da linguística no ensino de línguas. Isso demonstra certa insegurança e certo desconhecimento do assunto, mais uma vez ratificando o que teóricos como Antunes (2003) afirma sobre uma má formação do docente de Língua Portuguesa nas academias.

As respostas às questões seguintes mostram uma contradição em relação às anteriores. Na oitava questão, procurou-se sabercom que frequência ele (professor) participava de formação continuada na área de Língua Portuguesa, o docente respondeu, "constantemente", mas não fez maiores comentários acerca desses cursos de formação.

Na nona questão quis-se saber o que os alunos têm mais dificuldade em aprender, ao que o docente assinalou que era a "Gramática normativa".

Na décima questão, pediu-se para que indicasse o que tem mais peso em suas aulas, isto é, o que considera mais relevante ensinar, e este indicou os "Estudos teóricos da língua, centrados nos preceitos da Gramática Normativa".

Observa-se uma incoerência das respostas às questões nove e dezem relação à oitava, pois se há uma "constante" formação continuada em Língua Portuguesa, como o docente ainda persiste em um modo tradicional de ensino centrado exclusivamente na Gramática Normativa?

A esse respeito, Antunes (2003) esclarece que não é preciso abandonar a gramática normativa, mas é preciso saber também que esta deve está subordinada à língua no seu aspecto funcional nas interações comunicativas e não o contrário. Sobre essa questão, oautor afirma ainda que se persiste em "uma gramática descontextualizada, amorfa, da língua como potencialidade; gramática que é muito

mais “sobre a língua”, desvinculada, portanto, dos usos reais da língua escrita ou falada na comunicação do dia-a-dia” (ANTUNES, 2003, p. 31).

Sobre se realiza com seus alunos estudos sobre a linguística (questão 11), e se já discutiu com os alunos assuntos referentes à linguística em Língua Portuguesa, o docente respondeu que “sim”, o que gera certa contradição, pois o mesmo afirmou anteriormente centrar-se na Gramática Normativa. E se de fato há essa discussão com os alunos, por que eles ainda apresentam como maior dificuldade justamente a compreensão das normas gramaticais, como o próprio docente informou?

A esse respeito, não se pode precisar se há negligência por parte do docente, entretanto, percebe-se claramente um paradoxo entre suas respostas ao questionário, porque a “prioridade” afirmou dar à Gramática Normativa em suas aulas não se coaduna, por exemplo, com uma discussão aberta com os alunos sobre questões linguísticas e nem com a constante formação continuada que afirmou receber.

O professor de Língua Portuguesa, como mediador do conhecimento em sala de aula, é que tem a propriedade de inserir os conteúdos pertinentes às variedades linguísticas, mesmo que o livro didático não faça nenhuma referência a esse conteúdo ou que o apresente de forma muito superficial.

Essa realidade variável da língua é um fato, por isso não pode ser negada em sala de aula, mas ensinada. O contrário é mito, como afirma Antunes (2003, p. 91)

> Ao mito da invariabilidade das línguas, se junta o outro, da superioridade de certos falares: o das cidades, melhor que o das zonas rurais; o do Sudeste, melhor que do Nordeste; o dos doutores, melhor que o das pessoas sem diplomas. Nisso acreditam muitos. E, muito frequentemente, até professores de português, sem questionamentos, como se isso fosse um verdade.

O referido autor afirma que alguns professores têm se equivocado quanto às variedades linguísticas, e evidencia a necessidade de uma formação linguística mais adequada aos docentes de Língua Portuguesa.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), no que tange à área das Linguagens, Códigos e suas Tecnologias, apresentam objetivos que preveem uma atitude colaborativa e proficiente do docente em relação às variedades. Entre as competências e habilidades previstas para os alunos, espera-se que estes sejam capazes de:

> - compreender e usar os sistemas simbólicos das diferentes linguagens como meios de: organização cognitiva da realidade pela constituição de significados, expressão, comunicação e informação;
> - Confrontar opiniões e pontos de vista sobre as diferentes linguagens e suas manifestações específicas;
> - analisar, interpretar e aplicar os recursos expressivos das linguagens, relacionando textos com seus contextos, mediante a natureza, função, organização e estrutura das manifestações de acordo com as condições de produção e recepção.
> [...]
> (BRASIL, 2000, p. 95).

Nesse contexto, vê-se que o ensino de Língua Portuguesa, como língua materna, não pode ser ministrado de forma unilateral, isto é, privilegiando apenas o aspecto normativo da língua, mas, pelo contrário, deve compreender a beleza das variedades e a complexidade dos múltiplos fenômenos a elas relacionados.

Portanto, vale observar a necessidade de o professor no ato de planejar suas aulas, buscar contemplar a língua por completo, sem se prender somente às correções gramaticais, privilegiando somente uma das variedades da língua que é a norma padrão.

5.3 Análise do questionário aplicado aos alunos

A primeira questão teve o intuito de saber qual a concepção de língua (idioma) dos alunos.

Sobre esta questão, 07 (sete) alunos apresentaramrespostas semelhantes, afirmando que: *“A língua é idioma que nós falamos, adotamos a língua portuguesa, e é o que falamos”.*

Resposta similarapresentaram 09 (nove) que associaram a língua a um conjunto de regras e que era uma disciplina que aprendem na escola.

Para esta mesma pergunta 12 (doze) alunos apresentaram respostas diferentes, portanto, para melhor entendimento, estes alunos foram denominados A1, A2, A3 e assim sucessivamente.

A tabela 1 apresenta as respostas apresentadas por estes alunos.

Tabela 1- respostas dos alunos

Alunos	**Respostas apresentadas**
A1	*"É uma forma de comunicação mais direta e oral para nos comunicarmos".*
A2	*"Língua é a parte que estuda o mundo, ou seja, cada país tem sua língua diferente e pessoas diferentes".*
A3	"*É uma ideia de conhecimento da Língua Portuguesa".*
A4	"*Língua Portuguesa é uma disciplina importante que nos proporciona uma forma de aprender como devemos nos comportar na forma verbal diante das pessoas, como falar"*.
A5	"*É a forma que cada país tem de se diferenciar do outro".*
A6	"*É a língua materna, aquela que falamos todos os dias, além de estudar e procurar conhecer*".
A7	"*Língua Portuguesa ela é tudo aquilo que falamos em nosso dia-a-dia, as palavras usadas adequadamente, etc".*
A8	"*Na minha opinião é o nosso cartão postal da nossa vida em sociedade, ou seja, hoje a língua faz parte de tudo que fazemos e agimos".*
A9	"*É o termo que temos para poder nos diferenciar uma região da outra, com diferentes sons".*
A10	"*É uma ideia de conhecimentos da nossa língua portuguesa que nós brasileiros temos com nós*".
A11	"*É o que falamos e escrevemos também".*
A12	"*A língua portuguesa é algo que todos devem saber não só ela, mas todos as outras, idioma é uma origem que deve passar de geração em geração"*.

Fonte: dados da pesquisa (2014)

Analisando as respostas de 1 a 4, observa-se que os alunos não têm uma ideia precisa, coesa sobre a língua, o que revela a falta de uma discussão acerca das concepções de língua e linguagem em sala de aula. Quando a isso, Bagno (2010) ressalta que falta uma formação adequada para os professores da área de Letras.

As demais respostas, de 5 a 12, também foram díspares. Como se pode perceber, as respostas continuam confusas e apontam para direções diferentes no que diz respeito ao entendimento sobre a língua.

Mesmo que alguns alunos tenham respondido de forma semelhante, o que se percebe, no geral, é que não há um entendimento preciso sobre como concebem a língua que falam e que estudam na escola.

Essa falta de compreensão mostra uma fragilidade no ensino do português, que não tem conduzido os alunos a uma reflexão sobre as competências linguísticas, sobre a língua e sua função comunicativa (ANTUNES, 2003).

Essas respostas mostram, portanto, que os alunos, apesar de estarem já no último ano da educação básica, ainda não têm uma concepção aprofundada do que seja uma língua. Muitos confundiram com disciplina escolar, com conhecimento geral, que passa de geração em geração e outros reduziram a língua apenas ao uso da comunicação oral.

Nesse sentido, se os alunos não conseguem entender direito as relações entre língua e linguagem ou mesmo o papel social da língua, isso se deve ao fato de que, muitas vezes, não têm um ensino adequado, porque muitos docentes se restringem a repetir regras, sem, contudo, levar o aluno a compreender os aspectos funcionais da língua na prática comunicativa que se realiza mediante o uso de vários gêneros do discurso, pertinentes à oralidade e à escrita (ANTUNES, 2003).

Na questão dois, os alunos deveriam dizer o que significa estudar Língua Portuguesa, e as respostas foram as seguintes: 06 (seis) alunos responderam: "*Aprender a escrever corretamente e interpretar textos"*; outros 06 (seis) aassociaramà importância de se estudar, não respondendo diretamente a pergunta: "*Estudar a língua portuguesa é importante para o futuro das pessoas principalmente profissionalmente no dia a dia"*.

Ainda sobre a segunda questão, 05 (cinco) responderam: "*Aprender falar em público, como se comportar numa entrevista de emprego, como falar, escrever corretamente e não passar vergonha falando e escrevendo errado"*.

Outros 05 (cinco) responderam que estudar a língua portuguesa é algo de grande conhecimento e sabedoria, pois sem ela não conseguiremos entender os outros ramos do estudo; e mais 06 (seis) que estudar a Língua Portuguesa é aprender as regras da gramática para não falar e escrever errado.

Comparando-se as respostas dadas às questões 1 e 2, observa-se a mesma discrepância, ou seja, cada grupo de alunos tende para um lado quando vão afirmar o que é estudar português. Isso talvez se deva à falta de um planejamento conjunto na escola e também à de um estudo coletivo sobre as Diretrizes

Curriculares Nacionais. Se há um descompasso no entendimento do que seja o ensino de português entre os docentes, isso pode explicar porque os alunos apresentam respostas tão distintas sobre uma mesma questão sobre a língua.

Vê-se que, quando se trata de responder sobre o que seja estudar português, há sempre os que se referem à gramática, mas ressaltando somente a normatividade, como se tudo na língua se restringisse às regras da norma-padrão (ANTUNES, 2003).

Não obstante, por essas respostas, mesmo que pouco elaboradas, percebe-se que os alunos reconhecem a importância da língua para interagirem na sociedade e para a questão profissional.

Corroborando com o exposto, Souza et al (2012, p. 15) destacama importância de os alunos reconhecerem o valor da língua através de práticas de letramento:

> São várias as práticas de letramento nas quais os jovens se engajam todos os dias: leitura de textos religiosos, *e-mails*, salas de bate-papo, portais de busca, *sites* de relacionamento, grupos de teatro, cursos extracurriculares, entre outras.
> Muitas dessas práticas de letramento, porém, não são reconhecidas pela escola. Permanece, portanto, uma “invisibilidade” em torno das atividades sociais realizadas pelos jovens e que demandam ler, escrever e falar.

O exposto permite o entendimento de que os jovens nem sempre estão à toa em relação ao uso da língua, mas chama a atenção para que a escola possa reconhecer a sua capacidade através de práticas de letramento.

Na terceira questão, buscou-se saber se o docente ensina mais as teorias gramaticais ou se também fala sobre a funcionalidade da língua nos diversos contextos sociais, como: falar em público, realizar uma entrevista de emprego, escrever um ofício, trabalhar na publicidade, etc.

Para essa questão, 10 (dez) alunos deixaram de responder,por razões desconhecidas, simplesmente deixaram a questão em branco, e 18 (dezoito) responderam que o professor ensina as teorias da Gramática Normativa da língua. Essa resposta confirma o que o próprio docente afirmou, que prioriza um ensino voltado à gramática.

Essa tem sido uma prática recorrente de muitos professores de Língua Portuguesa em todo o Brasil e que muitas vezes tolhe a capacidade de os alunos usarem a língua com eficiência, pois diante da norma-padrão estabelecida pelas

gramáticas normativas, muitos se sentem inferiores e começam a dizer que português é difícil, que somente os professores dominam (BAGNO, 2009).

Em seguida foi perguntado que tipo de conteúdo aparece com mais frequência no livro didático de Língua Portuguesa: 13 (treze) alunos disseram que os conteúdos mais frequentes são os conhecimentos linguísticos, que mostram os usos práticos da língua e 15 (quinze), afirmaram que são os conhecimentos da Gramática Normativa. Sobre isso, Matta (2009) convida à seguinte reflexão:

> Será que é assim que a escola age? Será assim que nós, professores de Português ou professores que utilizam a língua portuguesa, agimos com os nossos alunos? Propiciamos interlocuções naturais, dialogadas, sem traumas, para os nossos educandos negociarem sentidos, somando conhecimentos novos aos antigos? Temos que parar para pensar nisso, não?Temos que ter (para poder ensinar) a clara noção de que as instâncias pública e privada, por corresponderem a distintos espaços sociais em que se utiliza a linguagem, necessariamente levarão à conscientização de que nelas ocorrem diferentes linguagens. À escola cabe a função de permitir a circulação dessas duas instâncias de produção de saberes (MATTA, 2009, p. 38).

Ressalta-se que mesmo que o livro didático esteja mais voltado para um ensino gramatical, isso não significa dizer que o docente deva segui-lo à risca, como recurso único. Para Antunes (2003), a aula de língua portuguesa, no que diz respeito ao conhecimento linguístico, deve transcender às questões da norma, afirmando que:

> Regras de gramática, como o nome já diz, são normas, são orientações acerca de como usar as unidades da língua, de como combiná-las, para que se produzam determinados efeitos, em enunciados funcionalmente inteligíveis, contextualmente interpretáveis e adequados aos fins pretendidos na interação (ANTUNES, 2003, p. 86).

Na quinta questão, procurou-se saber sobre o que os alunos têm mais dificuldade de aprender: 05 (cinco) responderam que têm dificuldade com os conhecimentos linguísticos, 17 (dezessete), com a Gramática Normativa e 06 (seis) com interpretação de texto.

Vê-se que dentre as dificuldades apresentadas pelos alunos, a de maior ênfase é com relação à gramática normativa, talvez porque esta muitas vezes é ensinada de forma descontextualizada.

Referindo-se a isso, Matta (2009) afirma que todo mundo sabe gramática, porque sem ela não existiria língua, entretanto ressalta que:

> Esse saber linguístico que o indivíduo detém, quando entra no sistema de aprendizagem da escola, deve ser considerado como o ponto de partida para o aprendizado da gramática escolar, que dará suporte ao nosso aluno para desenvolver cada vez mais a capacidade de ler/escrever, falar/escutar textos nos mais variados contextos de usos (MATTA, 2009, p. 125).

Sobre se o professor realiza com eles estudos voltados à linguística (questão seis): 24 (vinte e quatro) responderam que “sim” e 04 (quatro), que “não”. Essa resposta entra em contradição com a do docente quando este afirmou que prioriza o ensino gramatical e normativo. Embora se saiba que estudar gramática faz parte dos estudos linguísticos, centralizar-se nas questões normativas é uma prática antipedagógica (BAGNO, 2009).

Na sétima questão, perguntou-se se nas aulas de Português o professor discute com os alunos questões relacionadas à linguística. Como resposta, 20 (vinte) marcando o item “sim” e 08 (oito), “não”.

Dessa forma, contrariando os aspectos negativos revelados nesta pesquisa, percebe-se uma ligeira fuga da aula tradicional centrada na gramática, já que o docente, segundo a maioria dos alunos, discute com os seus alunos sobre a linguística.

A questão 8 foi se os alunos consideram a Língua Portuguesa difícil e por que, 16 (dezesseis) alunos responderam sim, apresentando como justificativa a grande quantidade de regras para se decorar: de acentuação, de concordância e regência; e 12 (doze) disseramque não, justificando compreender bem os assuntos e que o professor explicava bem.

Pelas respostas, o número de alunos que sente dificuldade com o português é maior do que aqueles que declararam o contrário. Portanto, pode-se perceber que a causa apontada pelos alunos com dificuldade está diretamente ligada à gramatica normativa, talvez não pela gramática em si, mas pela forma como são ensinados os conteúdos.

Para Antunes (2003) a gramática é inerente à língua, mas a norma nem sempre segue os padrões que o uso social da língua apresenta. Em outras palavras, muitas gramáticas prescrevem como a língua deve ser e não mostram como ela é (BAGNO, 2010).

Em seguida perguntou-se:Em sua opinião, quem não aprende as normas da gramática não conhece a língua que fala?.Como resposta, 14 (quatorze) disseram “sim” e os outros 14 (quatorze), “não”. Houve um empate nas

respostasapresentadas, que pode ter sido provocado pela incompreensão da questão. Não obstante, o fato é que para muitos estudiosos, como Perini (2004), pois segundo este a gramática deve emanar da língua, considerando as diversas transformações diacrônicas e as suas variedades, e não o contrário, como afirmam alguns gramáticos.

Corrobora-se com a ideia de Bagno (2010) quando este afirma que há muito que se aprender sobre análise do discurso, sobre linguística textual, sobre semântica, sobre as variedades linguísticas e sobre o preconceito linguístico, e outros conteúdos relevantes ligados ao uso social da língua, envolvendo oralidade e escrita.

6 CONCLUSÃO

Realizou-se neste trabalho um estudo sobre o lugar da linguística nas aulas de Língua Portuguesa, a partir de uma pesquisa de campo realizada em uma turma do 3º série do Ensino Médio do C.E. Machado de Assis, escola que pertence à Rede Estadual de ensino do município de Chapadinha.

Depois de serem aplicados os questionários ao docente da turma e aos alunos, as respostas foram devidamente analisadas, o que culminou com algumas conclusões da pesquisa. Entre elas, destaca-se que o docente afirma utilizar como foco principal de suas aulas a gramática normativa, talvez pelo fato de não ter tido uma boa formação linguística na universidade, como afirmou.

Não obstante, apesar de passar por constante formação continuada na escola, comparando-se com as respostas fornecidas pelos alunos, o ensino de Português que realiza com os alunos ainda tende ao tradicional, ao ensino puramente livresco e gramatical, sem levar em conta outros aspectos relevantes, como as variedades linguísticas, as práticas sociais da comunicação, que têm a língua como o foco principal, a análise do discurso, entre outros.

Pelo questionário dos alunos pôde-se perceber que eles não sabem distinguir Língua Portuguesa como disciplina escolar e como idioma e consideram que estudar a língua seja aprender as regras da gramática, ou seja, não escrever e nem falar errado, uma conclusão que tiram a partir do que escutam do docente.

A maior dificuldade dos alunos tem sido as teorias da gramática normativa, com suas inúmeras regras e pouco conhecem sobre o que é linguística e qual o seu papel nas aulas de Língua Portuguesa.

Como sugestão para superação dos problemas apontados, destaca-se a necessidade de uma mudança de metodologia no ensino de Português, onde os alunos possam aprender de fato a utilizar a língua como um instrumento de interação social e que sejam proficientes nisso. Para tanto, trona-se necessário que o professor reveja sua prática e procure mostrar a seus alunos que a língua é plural e que a gramática deve ser uma consequência dela e não sua reguladora.

Destaca-se ainda, como fator fundamental para os problemas ora apresentados, um trabalho de formação continuada com ênfase nos estudos linguísticos e na funcionalidade da língua, como forma de evitar o preconceito

linguístico em sala de aula, pois a norma padrão é apenas uma variedade da língua e não pode ser privilegiada em detrimento das outras.

Portanto, antes de investir-se em um ensino de regras por regras, que não fazem sentido para o aluno se estiverem fora de um contexto de uso, o melhor é que nas aulas de Língua Portuguesa o docente comece da realidade funcional da língua, para, depois, mostrar que regras, que conteúdos são pertinentes para tal.

Outro aspecto que se coloca como sugestão é que o docente de Língua Portuguesa faça um trabalho em torno dos diversos gêneros textuais com os alunos, para que eles percebem uma gramática aplicada e não apenas regras descontextualizadas. Além disso, promover aos alunos uma formação mais eficaz sobre os conhecimentos linguísticos, para que compreendam a língua como um todo e não apenas fragmentada em exercícios de teoria gramatical.

Em suma, faz-se necessário um olhar mais atento para as questões linguísticas, pois a Língua Portuguesa não é uniforme e priorizar somente uma variante da língua, a norma culta, pode gerar preconceito linguístico. E isso contraria o aspecto pedagógico da escola e do ensino de língua materna, de modo mais específico. Todas as variedades devem ser consideradas como válidas em seus contextos de uso.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Irandé. **Aula de português**: encontro e interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

_____. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009.

_____. **Gramática, pra que te quero?**:os conhecimentos linguísticos nos livros didáticos. Curitiba: Aymará, 2010.

CÂMARA JÚNIOR, Joaquim Mattoso. **História da Linguística**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.

DIAS, Luzia Schalkoski; GOMES, Maria Lúcia de Castro. **Estudos linguísticos**: dos problemas estruturais aos novos campos de pesquisa. Curitiba: IBPEX, 2008.

ELIA, Silvio. **Fundamentos histórico-linguísticos do português do Brasil**. Rio de Janeiro: Lucena, 2003.

EMEDIATO, Wender. **A Fórmula do texto**: redação e argumentação, e leitura. São Paulo: Geração Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

GUEDES, Paulo Coimbra. **A formação do professor de português**. 2. São Paulo: CPI, 2006.

INFANTE, Ulisses. **Do texto ao texto**: curso prático de leitura e redação. São Paulo: Scipione, 1999.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008.

MATTA ,SozângelaSchemim da. **Português**: linguagem e interação. Curitiba: Bolsa Nacional do Livro Ltda. 2009.

MARTIN, Robert. **Para entender a linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Anna Christina. **Introdução à linguística**. São Paulo: Editora Cortez, 2006.

_____. **Introdução à linguística**. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

_____. **Introdução à linguística**. São Paulo: Editora Cortez, 2012.

MELO, Alessandro de; URBANETZ, Sandra Terezinha. **Trabalho de Conclusão de Curso em Pedagogia**. Curitiba: IBPEX, 2009.

NICOLA, José de. **Língua, literatura e redação**, 3. Ed. rev. ampl. São Paulo: Scipione, 1998.

PERINI, Mário Alberto. **A língua do Brasil amanhã e outros mistérios**. São Paulo: Parábola, 2004a.

RAMPAZZO, Lima. **Metodologia científica**: para alunos dos cursos de graduação e pós-graduação. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. 30. ed. São Paulo: Cultrix, 2008.

SILVA, Sandra Ribeiro; SILVA, Marília de Nazaré Ferreira. **Saussure e Chomsky: confrontos e encontros**. Disponível em: <http://www.sbpcnet.org.br/livro/63ra/resumos/resumos/5753.htm>. Acesso em 7 ago. 2014.

SOUZA, Ana Lúcia et al.**Letramentos no ensino médio**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação**: uma resposta para o ensino de gramática. 14. ed., São Paulo: Cortez, 2009.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

APÊNDICES

APÊNDICE A- Questionário aplicado ao professor

1- Qual a sua formação?

2- Há quanto tempo você exerce a docência?

3- Em sua formação acadêmica você realizou estudos acerca da linguística?

4- Em caso afirmativo à questão anterior, como você classifica os estudos linguísticos realizados no período de sua formação?

( ) bom ( ) regular ( ) ótimo ( ) insuficiente

5- Você considera os conhecimentos linguísticos importantes para melhor aproveitamento nas aulas de Língua Portuguesa? Justifique.

6- Aponte o item mais destacado no livro didático que você utiliza.

( ) Gramática normativa ( ) Estudos literários

( ) Redação ( ) Estudos linguísticos

7- Em seu planejamento você prioriza somente os conteúdos pertinentes à gramática normativa ou também trabalha os conhecimentos linguísticos?

8- Com que frequência você participa de formação continuada na área de Língua Portuguesa?

9- Nas aulas de Língua Portuguesa os alunos apresentam maior dificuldade em quê?

10- O que você considera mais relevante ensinar nas aulas de Língua Portuguesa?

11- Você realiza estudos linguísticos com seus alunos?

APÊNDICE B- Questionário aplicado aos alunos

1-Como você define língua?

2- Em sua opinião, o que significa estudar Língua Portuguesa?

3- Nas aulas de Língua Portuguesa o professor trabalha mais as teorias sobre a gramática normativa ou também fala sobre a funcionalidade da língua nos diversos contextos sociais como: falar em público, realizar uma entrevista de emprego, escrever um ofício etc.?

4- Que conteúdos aparecem com mais frequência em seu livro didático de Língua Portuguesa?

( ) conhecimentos teóricos da gramática normativa

( ) conhecimentos linguísticos nos usos práticos da língua

( ) Estudo e produção textual

5- O que você tem mais dificuldade em aprender, no que se refere ao ensino de Língua Portuguesa?

( ) Estudo e produção textual

( ) Gramática (regras gramaticais, ortografia etc.)

( ) Conhecimentos linguísticos voltados à compreensão da língua como ela é.

6- O professor realiza com vocês estudos voltados para a linguística?

7- Nas aulas de Língua Portuguesa já foram discutidas questões relacionadas à linguística?

8- Você considera a disciplina de Língua Portuguesa difícil? Justifique.

9- Em sua opinião, quem não conhece as normas gramaticais não conhece a língua que fala?